
Parsifal



Prelúdio Orquestral

Primeiro Ato

Cenário

Nos domínios do Montsalvat, dos guardiões do Graal. A paisagem representa as montanhas do norte da Espanha gótica. Os bosques, densos de árvores, são sombrios e solenes. À esquerda, aparece a estrada que conduz ao castelo. Ao fundo, no centro, o terreno se inclina deixando antever um lago situado bem no meio do bosque. Dois escudeiros montam guarda.

Resumo da ação.

Um toque de alvorada, proveniente do castelo e vindo da esquerda, ressoa solenemente com o uso dos metais (*trombones*). Gurnemanz, um ancião vigoroso, cavaleiro do Graal, acorda dois escudeiros e os manda preparar o banho de Amfortas, filho de Titurel, que é, agora, o guardião do Graal. Quando o dia amanhece, a comitiva de Amfortas o traz para o banho matinal, e ele se queixa de terríveis dores e de não ter conseguido conciliar o sono. Kundry, sob o disfarce de penitente, entrega-lhe um frasco com bálsamo por ela trazido da Arábia. (*Trata-se de uma estranha mulher condenada a levar uma dupla existência por haver injuriado a Jesus no Gólgota: demoníaca sedutora e Maria Madalena penitente; o mal e o bem. O mal é encarnado por Klingsor, cavaleiro repudiado pela irmandade por romper o voto de castidade, e que como vingança criou um jardim enfeitado de proibidos prazeres para que outros cavaleiros caíam no pecado. O bem é representado pela Ordem à qual Kundry procura servir no momento, quando entrega um bálsamo para aliviar as dores de Amfortas. Segundo uma profecia, a ferida somente ficará sarada quando um “santo inocente a quem a piedade o fez sábio recuperar a Lança Sagrada e com ela toque a ferida de Amfortas.*) Os escudeiros não vêm com bons olhos a Kundry e a repreendem e a incitam a falar sobre sua vida, mas Gurnemanz os admoesta, dizendo que ela pode estar pagando pecados do passado remoto. Instado pelos escudeiros, Gurnemanz narra como chegou a conhecer Klingsor, quando este retirou de Amfortas a Lança Sagrada e o feriu nas costas, bem assim, como, a duras penas, conseguiu evacuar Amfortas, já quase capturado, do maldito lugar, o mágico jardim. Um jovem estrangeiro flecha um cisne que voa e causa um rebuliço junto aos cavaleiros e escudeiros. É Parsifal, que não sabe de onde veio, nem a sua origem, e que termina sendo escorraçado dos domínios do Graal, após assistir à solenidade da celebração do Graal.

GURNEMANZ (*sacudindo e acordando os pajens*)

Rê! Rô! Guardiães dos bosques!

Soaria melhor, guardiães do sono!

Assim velais até pela manhã?

(*Os dois pajens, com presteza, se recompõem*)

Ouvistes o chamado? Agora agradecei a Deus porque ouvistes o seu chamado!

(*Ele ajoelha-se com os pajens e faz em silêncio a prece matinal. Quando as trompas param, levantam-se.*)

Agora vamos, rapazes! Preparai o banho!

Já é tempo de aguardar a chegada do rei até lá.

A liteira que o traz, precedida pelos arautos, eu já descortino esses se aproximando.

(*Entram dois cavaleiros*)

Eu vos saúdo! Como está Amfortas, hoje?

Muito cedo já deseja ele tomar banho: a erva medicinal que Gawan com astúcia e ousadia conseguiu para ele, posso presumir que lhe causou alívio?

SEGUNDO CAVALEIRO

Julgas assim, tu que tudo sabes?

A ele somente retomaram logo as dores com mais intensidade: sem poder dormir em razão das dores, ansioso nos pediu para levá-lo ao banho.

GURNEMANZ

(deixando cair a cabeça com tristeza)

Somos uns insensatos em esperar por ajuda, quando somente a cicatrização poderá aliviá-lo!

Que adianta buscar ervas e poções no mundo inteiro: a ele somente um poderá ajudá-lo - somente um!

SEGUNDO CAVALEIRO

Então diz-nos quem é!

GURNEMANZ

(Evasivamente)

É hora do banho!

(Os dois escudeiros haviam adentrado até o fundo e ficaram olhando para a direita)

SEGUNDO ESCUDEIRO

Vede lá, a cavaleira selvagem!

PRIMEIRO ESCUDEIRO

Ei! Como voam as crinas diabólicas da besta! *(todos miram ansiosamente para a direita)*

SEGUNDO CAVALEIRO

Ah! Lá está Kundry?

PRIMEIRO CAVALEIRO

Parece que ela traz consigo algo de importante?

SEGUNDO ESCUDEIRO

A besta cambaleia.

PRIMEIRO ESCUDEIRO

Terá ela voado através dos ares?

SEGUNDO ESCUDEIRO

Agora finalmente ela coloca os pés no chão.

PRIMEIRO ESCUDEIRO

Como as crinas varrem os musgos.

(Todos olham para o lado direito)

SEGUNDO CAVALEIRO A selvagem mulher lança-se para baixo.

(Kundry chega apressadamente, quase cambaleando. Veste uma túnica rústica e curta, ornada por uma

capa de pele de víbora que pende em largas tiras; sua tez é morena e vermelhada; seus olhos negros e cintilantes, que brilham, por instantes, selvagens, e miram com uma força e fixidez cadavérica. Dirige-se rapidamente a Gurnemanz e lhe oferece um pequeno frasco de cristal)

KUNDRY

Aqui! Toma! É um bálsamo..

GURNEMANZ

De onde o trazes?

KUNDRY

De mais longe que tu possas imaginar.

Se este bálsamo não servir, então a Arábia

já não esconde nada mais que possa curá-lo.

Não perguntes mais nada (*lança-se ao solo*).

Estou cansada!

(Um cortejo de escudeiros e cavaleiros leva e acompanha uma liteira onde se encontra Amfortas, à esquerda da cena. Gurnemanz abandona Kundry ali e sê incorpora ao cortejo)

KURNEMANZ (*enquanto o cortejo se aproxima*)

Ele aproxima-se, eles o trazem carregado - Oh, desgraça! Como posso suportar vê-lo em plena flor de sua masculina idade, o senhor de uma raça vitoriosa, escravo de sua enfermidade!

(aos escudeiros)

Com cuidado! Ouvi, o rei se queixa! *(os escudeiros se detêm e baixam a liteira)*

AMFORTAS (*elevando-se um pouco*)

Está bem, assim! Obrigado! Um breve repouso.- Após uma noite de terríveis dores,, agora, o esplendor da manhã no bosque!

No lago sagrado, as ondas podem me dar alívio: estancam a dor, a noite dolorosa é esquecida. - Gauwan!

SEGUNDO CAVALEIRO

Senhor! Gauwan não esperou.

Como os poderes da erva, que com tanto esforço conseguiu encontrar, não acalmaram vossas esperanças de cura, partiu em nova busca.

AMFORTAS

Sem autorização? - Poderá expiar a desobediência aos mandamentos do Graal!

Ai desse audaz

se cair nas malhas de Klingsor!

Que assim não venha ele quebrar-me a paz!

Espero aquilo que me está destinado:

“Sábio pela paixão”

Não é assim?

GURNEMANZ

Assim nos revelaste.

AMFORTAS “O tonto puro”!
Parece-me já conhecê-lo:
eu me permito chamá-lo de Morte!

GURNEMANZ *(entregando a Amfortas o frasco de Kundry)*
Porém primeiro experimenta isto!

AMFORTAS *(examinando-o)*
De onde provém este misterioso frasco?

GURNEMANZ
Foi trazido da Arábia para ti.

AMFORTAS E quem o obteve?

GURNEMANZ
Ali descança a estranha mulher.-
Levanta-te Kundry! Vem! *(Kundry se recusa a obedecer e permanece lá)*

AMFORTAS
Tu, Kundry?
Devo agradecer-te novamente, donzela incansável e tímida?
Está bem!
Então provarei ainda o bálsamo:
e obrigado por tua fidelidade.

KUNDRY *(agitando-se e contorcendo-se no chão)*
Não agradeças! -Ora, ora! Em que ajudará isso?
Não agradeças! Vai, vai tomar o teu banho!
(Amfortas faz sinal de retomar a marcha. O cortejo segue em frente até desaparecer. Gurnemanz segue-o tristemente com a vista até desaparecer e Kundry permanece sentada no chão, muda. Escudeiros vão e vêm)

TERCEIRO ESCUDEIRO *(um homem jovem)*
Ei, tu aí!
Por que pmaneces agachada, como um animal selvagem?

KUNDRY
Por acaso os animais não são sagrados aqui?

TERCEIRO ESCUDEIRO
Sim, porém que tu também o sejas não estamos muito seguros.

QUARTO ESCUDEIRO *(também um homem jovem)*
Creio que com o seu mágico bálsamo ela acabará por arruinar o nosso mestre.

GURNEMANZ
Um! -Acaso ela já fez dano a vós?
Quando todos estavam perplexos,
sem saber como nem aonde
enviar notícias a nossos
irmãos que lutavam em terras estranhas?-
quem, enquanto duvidáveis,
voou até lá e regressou

tendo levado uma mensagem fielmente e com êxito?
 Não vos acerqueis dela, ela nunca se aproximou de vós,
 pois nada tem ela de comum convosco:
 porém se alguma ajuda faz falta em algum perigo
 seu zelo a impele a atravessar os ares,
 sem esperar que lhe dêem agradecimentos.
 Eu presumo, se este comportamento for danoso, então vos faria sair bem tirando partido disso.

TERCEIRO ESCUDEIRO

Porém, ela nos odeia:
 veja com que malícia nos olha!

QUARTO ESCUDEIRO

É uma pagã, uma bruxa!

GURNEMANZ

Sim, pode ser que esteja amaldiçoada.
 Aqui vive hoje, talvez reencamada,
 para expiar uma culpa cometida em outra vida, que nunca lhe tenha sido perdoada.
 Se ela a expia com essas ações em benefício de nossa Ordem de Cavaleiros sua obra é boa e sem dúvida ao servir-nos ela se ajuda a si mesma.

TERCEIRO ESCUDEIRO

Porém não pode ter sido o seu pecado que nos carregou de tantas desgraças?

GURNEMANZ (*recordando*)

Sim, amiúde, quando estava longe de nós, ocorreram-nos desgraças, com certeza.

Faz tempo que a conheço,
 todavia, Titurel a conhecia muito antes de mim;

(*aos escudeiros*)

quando construía o castelo, a encontrou dormindo nas moitas do bosque, entumecida, imóvel, como morta.

Assim eu a encontrei, tempos depois, tão logo nos ocorreu a desgraça que aquele malvado lá de trás das montanhas tão vergonhosamente perpetrou contra nós (*a Kundry*)

Ei! Tu! Escuta-me e dize-nos: por onde vagueavas naquele tempo, quando nosso senhor perdeu a lança?

(*Kundry guarda um silêncio sombrio*)

Por que não nos ajudaste então?

KUNDRY

Eu - nunca ajudo.

QUARTO ESCUDEIRO

Ela o diz, ela mesma!

TERCEIRO ESCUDEIRO

Se ela é tão leal, tão ousada na coragem,
 então envia-a para recuperar a lança perdida!

GURNEMANZ *(sombriamente)*

Isto é distinto:

nos está proibido a todos. -

(Com grande emoção)

Oh maravilhosa, transluzente, lança sagrada!

Vi-te brandida pela mais abjeta mão!

(Absorto em suas recordações)

Amfortas, armado com ela, demasiado audaz, quem poderia haver-te impedido de derrotar o feiticeiro?

Vizinho do castelo, afastou-se de nós:

uma mulher fatalmente formosa o envolveu,

caiu ébrio em seus braços,

deixou a lança cair.-

Um grito mortal! -Corri para acudi-lo:

ali, Klingsor desaparecia rindo,

pois havia arrancado das mãos dele a santa lança.

Lutando, cobri a retirada do rei,

porém uma ferida queimava o seu lado:

é a ferida que nada pode sarar.

TERCEIRO ESCUDEIRO *(a Gumemanz)*

Então conhecestes Klingsor?

GURNEMANZ *(aos escudeiros que regressam)*

Como está o rei?

PRIMEIRO ESCUDEIRO

O banho o refrescou.

SEGUNDO ESCUDEIRO

O bálsamo acalmou a dor.

GURNEMANZ *(para si mesmo)*

Essa é a ferida que nunca quer ser fechada!

(O terceiro e o quarto escudeiro haviam sentado aos pés de Gumemanz. Os outros dois os imitam e se unem a eles sob a grande árvore)

TERCEIRO ESCUDEIRO

Padre, fala e explica-nos claramente:

conhecestes a Klingsor! Como pôde ser isso?

GURNEMANZ

Titirel, o piedoso herói, o conhecia muito bem.

Quando a força e a astúcia de ferozes inimigos ameaçaram os domínios da verdadeira fé, na noite solene e sagrada, os emissários celestiais do Salvador desceram uma vez até ele, trazendo o cálice em que bebeu em sua última ceia,

o sagrado Graal, a taça bendita,

que logo recolheu seu sangue divino vertido na cruz,

e a lança que o fez verter

reliquias preciosíssimas do mais sublime milagre,
 que foram entregues em custódia a nosso rei.
 Para uma veneração perpétua, ele construiu um santuário.
 Vós que haveis chegado aqui para servi-lo
 por caminhos que nenhum pecador encontra
 sabeis que só aos puros
 está permitido unir-se aos irmãos,
 a quem, para realizar as mais nobres obras de salvação,
 o Graal fortalece com maravilhoso vigor.
 Isto foi negado então àquele por quem perguntais,
 Klingsor, apesar de seu obstinado empenho.
 Lá no vale, ele vive solitário:
 ao seu redor encontra-se a rica terra pagã.
 Ignoro os pecados que lá cometeu,
 porém quis expiá-los e viver como justo.
 Mas, não podendo eliminar dentro de si o pecado, contra si mesmo dirigiu sua mão
 criminosa, que logo estendeu até o Graal.
 Todavia, o guardião do Graal o rechaçou com desprezo.
 Então a ira fez imaginar a Klingsor
 que seu vergonhoso sacrifício (*cortou o p...s*)
 podia outorgar-lhe o conhecimento de funesta magia,
 e encontrou a forma de empregá-la.
 Transformou o deserto em um jardim maravilhoso, onde habitam mulheres de beleza
 diabólica.
 Ali aguarda os cavaleiros do Graal,
 para atraí-los aos prazeres proibidos e à condenação eterna.
 O seduzido se converte em um escravo.
 Já arruinou a muitos de nossos irmãos.
 Quando Titurel, cedendo ao peso da velhice, confiou ao seu filho a nossa liderança,
 Amfortas não se deu repouso para pôr fim a essa praga de feitiços.
 Já sabeis o que logo ocorreu.
 A lança está agora em mãos de Klingsor, e como pode ferir com ela os mais santos,
 pensa arrebatá-los também o Graal.
 (*Kundry, excitadíssima, revolve-se impetuosamente em espasmos*)

QUARTO ESCUDEIRO

Antes de tudo, devemos recuperar a lança!

TERCEIRO ESCUDEIRO

Ah! Quem a recuperar se cobrirá de glória e fortuna!

GURNEMANZ

Ante o santuário despojado,

Amfortas permanecia rezando fervorosamente, implorando angustiado um sinal de salvação.

Então, um resplendor divino surgiu do Graal e uma visão celestial lhe falou claramen-

te com termos inequívocos, como símbolo visível:

“Sábio por compaixão, o casto tolo;
seja esperado
pois é ele meu eleito!”.

OS QUATRO ESCUDEIROS (*profundamente comovidos*)

“Sábio por compaixão, o casto tolo...”

(Do lago se ouvem gritos e exclamações proferidos por cavaleiros e escudeiros. - Gurnemanz e os quatro escudeiros se levantam e se voltam alarmados)

ESCUDEIROS

Desgraça! Desgraça!

CAVALEIROS

Oh! oh!

ESCUDEIROS

Acima!

CAVALEIROS

Quem é o sacrílego?

(Um cisne selvagem voa penosamente batendo as asas sobre o lago)

GURNEMANZ

O que ocorre?

QUARTO CAVALEIRO

Lá!

TERCEIRO CAVALEIRO

Aqui!

SEGUNDO ESCUDEIRO

Um cisne!

QUARTO ESCUDEIRO

Um cisne selvagem!

TERCEIRO ESCUDEIRO

Foi ferido!

TODOS OS CAVALEIROS E ESCUDEIROS

Oh! Desgraça! Desgraça!

GURNEMANZ

Quem feriu o cisne?

(O cisne cai, depois de um difícil vôo, fraco sobre a terra; o segundo cavaleiro retira uma flecha do peito da ave)

PRIMEIRO CAVALEIRO

O rei considerou isto um presságio favorável - o vôo em círculos do cisne sobre o lago, porém voou também uma flecha.

(Cavaleiros e escudeiros trazem Parsifal)

CAVALEIROS

Foi ele!

ESCUDEIROS

Ele atirou a flecha!

Este é o arco.

(mostram o arco de Parsifal)!

SEGUNDO CAVALEIRO *(mostrando a flecha)*

Está aqui a flecha, igual às dele!

GURNEMANZ *(a Parsifal)*

Foste tu quem abateu este cisne?

PARSIFAL

Com certeza! O que encontro voando eu abato!

GURNEMANZ

Fizeste isto? E não tens nenhum remorso?

ESCUDEIROS E CAVALEIROS

Castigo ao ímpio!

GURNEMANZ

Ação inaudita!

Foste capaz de matar aqui no bosque sagrado, cuja serena paz te rodeava?

Não se acercaram de ti os mansos animais da floresta?

Não se apresentaram a ti cordiais e amistosos?

Não te cantaram os passarinhos nos seus ramos?

Que te fez este confiante cisne?

Talvez tenha levantado vôo para buscar a sua companheira e voar com ela em círculos sobre o lago e consagrar assim o banho real.

Isto não te surpreendeu? Só te deu impulso para atirar a flecha cruel e pueril?

O cisne nos era caro: o que representa ele agora para ti?

Aqui - mira! Aqui o feriste,

onde sangra, suas asas contraídas inertes,

sua nívea plumagem está salpicada por manchas escuras -

Não vês como estão rijos os seus olhos?

(Parsifal escutou calado a Gurnemanz com crescente emoção. Então quebra seu arco e arroja as flechas para longe de si)

Compreendes, agora, a tua ferocidade?

(Parsifal passa a mão nos olhos)

Dize-me, rapaz, compreendes tua grande culpa?

Como pudeste cometer este crime?

PARSIFAL

Eu não sabia de nada.

GURNEMANZ

De onde vens?

PARSIFAL

Não sei.

GURNEMANZ

Quem é teu pai?

PARSIFAL

Não sei.

GURNEMANZ

Quem te enviou por estes caminhos?

PARSIFAL

Não sei.

GURNEMANZ

Teu nome, ao menos?

PARSIFAL

Tive muitos, porém não recordo nenhum.

GURNAMANZ.

Não sabes nada de nada?

(para si)

Tão simplório como ele só encontrei a Kundry.

(Aos escudeiros que se vão arrodando em torno dele, em número crescente) Ide agora!

Não descuideis do rei em seu banho. -Assisti-o!

(Os escudeiros apanham com muito respeito o cisne, colocam-no em uma liteira feita com ramos verdes e o levam até o lago. Só ficam Gumemanz, Parsifal e, afastada, Kundry. Gumemanz se volta de novo para Parsifal) Agora, dize-me! Não sabes nada do que te perguntei?

Dize então alguma coisa, pois algo tens que saber.

PARSIFAL

Tenho uma mãe, que se chama Herzeleide.

Vivíamos em um bosque agreste.

GURNEMANZ

Quem te deu o arco?

PARSIFAL

Eu mesmo o fiz, para afugentar as águias selvagens da montanha. GURNEMANZ

Pois pareces de nobre linhagem e boa origem.

Por que tua mãe não te fez aprender o manejo de melhores armas?

PARSIFAL

(Parsifal fica calado)

KUNDRY

(Que, durante o relato de Gumemanz se agitou e se retorceu violentamente, agora, ainda estendida no solo da borda do bosque, passa a cravar os seus olhos de desdém em Parsifal e enquanto este permanece em silêncio o chama com voz rouca)

Sua mãe lhe deu à luz órfão de pai, pois ele, Gamuret, morreu em uma batalha. Para preservá-lo da morte prematura dos heróis, ocultou de seu filho o uso das armas e o educou como a um néscio em um lugar solitário - a mui néscia! (*Ri.*)

PARSIFAL

(Que escutou o relato com grande atenção)

Sim, e uma vez pelos limites do bosque, montados em formosos animais, chegaram uns homens deslumbrantes.

Quis ser como eles e os seguir,
porém eles se riram de mim e seguiram em frente.

Corri atrás deles mas não pude alcançá-los.

Atravessei bosques, escalei montes, desci pelos vales; passaram-se muitas noites pelos meus caminhos e muitos dias.

Meu arco me defendeu de animais selvagens e de gigantes.

(Kundry se pôs de pé e se acercou dos dois homens)

KUNDRY

Sim! Utilizou sua força contra malvados e gigantes; todos aprenderam a temer o audaz rapagote.

PARSIFAL

(Assombrado)

Quem me teme? Dize?

KUNDRY

Os malvados!

PARSIFAL

Os que me atacaram eram maus?

(Gumemanz ri)

E quem é bom?

GURNEMANZ

(Recobrando sua seriedade)

Tua mãe, a quem abandonaste e que se lamenta e sofre por ti.

KUNDRY

Sua mãe já não sofre mais: morreu!

PARSIFAL

(Horrorizado)

Morta? -Minha- mãe? Quem te disse isto?

KUNDRY

Eu cavalgava por aquele lugar e a vi morrer: pediu-me ela que te transmitisse o seu adeus, insensato!

(Parsifal avança sobre Kundry e a aperta na garganta. Gumemanz intervém e o retira)

GURNEMANZ

Rapaz enlouquecido! Outra vez com violência!

(Parsifal, depois que Gurnemanz libertou a Kundry de seus braços, permanece imóvel, como hipnotizado)

Que te fez esta mulher! Disse-te a verdade;

pois nunca Kundry mentiu e tem visto muitas coisas.

PARSIFAL *‘(Preso de violentos temores)*

Eu estou desmaiando!

(Kundry, vendo desfalecer Parsifal, corre até um manancial do bosque e traz água em um cântaro e salpica-a sobre a cabeça de Parsifal e lhe dá de beber)

GURNEMANZ

Bem feito! Isto é cumprir os ensinamentos do Graal: vence o mal quem o retribui com o bem.

KUNDRY

(Sombriamente)

Eu jamais faço o bem; - só quero descanso, só descanso, ah! Para a extenuada!

(Volve-se tristemente para o lado, enquanto Gurnemanz atende paternalmente a Parsifal, e se arrasta até um matagal sem ser vista por eles)

Dormir! -Oh, se nada me despertasse!

(Ergue-se com violência)

Não! Dormir, não! -Isso me horroriza!

(E presa de um violento temor; logo deixa cair seus braços; inclina a cabeça e avança vacilante)

É inútil resistir! A hora é chegada.-

(Nota-se grande movimento de gente para as bandas do lago. No fundo, o cortejo dos cavaleiros e escudeiros que acompanha a liteira de Amfortas regressa ao castelo)

Dormir..dormir..é preciso...

(Cai detrás de um arbusto e não se a vê mais)

GURNEMANZ

O rei regressa de seu banho; o sol já está alto;

agora deixa-me conduzir-te à sagrada ceia, pois se fores puro o Graal te dará alimento e bebida.

(Coloca suavemente o braço em torno do pescoço de Parsifal e o outro braço na cintura do jovem e assim o conduz a passos lentos)

PARSIFAL

Quem é o Graal?

GURNEMANZ

Isto não se diz;

mas se fores chamado ao seu serviço não te será vedado seu conhecimento.- E olha!

Parece-me que já te conhecia: nenhum caminho terreno conduz até ele, e ninguém poderia chegar até ele sem que tivesse sido por ele guiado.

PARSIFAL

Eu apenas caminho e parece-me já estar muito longe.

GURNEMANZ

Tu vês, meu filho

aqui o tempo se converte em espaço

(Enquanto Gumemanz e Parsifal avançam lentamente, o Cenário vai mudando visivelmente; o bosque desaparece e em paredes de pedras se abre um largo portão, que logo se fecha atrás deles. Sobem por uma escadaria de pedra. A decoração transformou-se totalmente. Gumemanz e Parsifal entram na grande sala do castelo do Graal)

GURNEMANZ

(Dirigindo-se a Parsifal, que se mostra encantado)

Agora presta atenção e deixa-me observar, se fores um tolo e puro, como pareces, quanta sabedoria te poderá ser revelada agora.

(Cenário: salão de banquete rodeado de colunas, que sustentam uma abóbada. Pelos fundos, abrem-se portas em cada lado. Pela direita entram os cavaleiros do Graal e se colocam em volta das mesas do banquete)

CAVALEIROS DO GRAAL

Em memorial da última ceia de amor preparado dia por dia

(uma procissão de escudeiros cruza rapidamente a cena pelas portas dos fundos)

qual se fora o último banquete o que hoje celebramos.

(Um segundo grupo de escudeiros atravessa o salão)

Aquele que é íntegro de coração

e só faz o bem sem medo:

pode ele agora encontrar o seu bem-estar,

e receber a suprema dádiva.

(Os cavaleiros reunidos se acercam das respectivas mesas do banquete. Pela porta esquerda entra Amfortas, carregado por escudeiros e irmãos serventes sobre uma liteira. Precedem-nos os quatro escudeiros que trazem coberto com um pálido de seda o sacrário do Graal. Este cortejo se dirige do fundo ao meio da cena, onde depositam Amfortas sobre um divã situado detrás de uma mesa de pedra, sobre a qual os escudeiros depositam, o sacrário coberto)

JOVENS *(desde a cúpula)*

Pelos pecados do mundo,

sofrendo mil dores,

como outrora derramou seu sangue-

ao herói redentor,

com um coração jubiloso,

possa eu verter o meu.

Que o corpo, que Ele ofereceu para redimir-nos, viva em nós por sua morte.

ESCUDEIROS *(no alto da cúpula)*

A fé se renova; o Espírito aparece, o Mestre nos convida: ao santo banquete, tomai este vinho; e partilhai o pão da vida.

(Quando todos tiverem tomado os seus lugares, faz-se um profundo silêncio e todos olham para o fundo, para um nicho abobadado, detrás do divã de Amfortas, de onde a voz do ancião Titurel soa como se de dentro de uma tumba)

TITUREL

Amfortas, meu filho, estás em teu lugar?

Poderei contemplar novamente o Graal e viver?

Haverei de morrer sem que me acompanhe o Salvador?

AMFORTAS

Desdita! Desditoso eu sou!
Oh, meu pai, novamente cumpre tu mesmo o ritual!
Vive, vive - e deixa-me morrer!

TITUREL

No sepulcro vivo pela graça do Salvador: demasiado fraco todavia estou para servi-lo.
Expia tuas culpas servindo-o!
Descobre o Graal!

AMFORTAS

Não! Deixê-mo-lo coberto! - Oh!
Nada, nada é capaz de compreender esta tortura
que desperta em mim a contemplação daquilo que os deleita!
Que são a ferida e a ferocidade de sua dor,
comparadas com a angústia e o suplício terrível
de estar condenado a este serviço!
Herança nefasta outorgada a mim, o único pecador entre todos, obrigado a cuidar do
santuário mais excelso, implorando a bênção para os puros.
Oh, castigo! Oh, castigo sem igual!
Mortal ofensa ao Senhor misericordioso!
A ele, a sua divina graça devo implorar ansioso;
e pelo arrependimento do mais profundo de minha alma devo chegar até ele.
A hora se aproxima:
um raio de luz celestial desce sobre o sagrado cálice.
Eu o vejo cair,
o conteúdo divino do cálice sagrado
se ilumina com força esplendorosa
estremecido pelo divino êxtase da dor
a fonte de santíssimo sangue
sinto que se verte em meu coração
a torrente de meu sangue corrupto
com ímpeto de enlouquecer
deve refluir de mim
ao mundo impuro dos sentidos
para derramar-se com horrenda vergonha:
de novo abra-se o portão
pelo que, qual torrente, corre até fora
através desta chaga, igual à Sua,
aberta pela mesma lança
que inflingiu a ferida ao Salvador,
quem chorou lágrimas de sangue para opróbio da humanidade em seu divino anelo
de misericórdia.
E de minha ferida, neste templo santíssimo, quando eu, o guardião deste tesouro divi-
no, tendo sob custódia o bálsamo redentor mão ardente sangue pecador, eternamente
renovada na fonte do desejo que, ai! nenhuma expiação pode fazer parar.
Piedade! Piedade!
Tu, Senhor misericordioso! Ah, apieda-te de mim!

Quita-me pelos meus débitos!
 Fecha a minha ferida
 para que eu possa morrer santamente,
 são e sem mácula!
(Cai desfalecidamente, como se tenha desmaiado)

JOVENS E MENINOS *(A média altura da cúpula)*
 “Sábio pela compaixão o casto e inocente seja esperado pois é ele o meu eleito”.

OS CAVALEIROS
 Tal foi a promessa, espera confiante e oficia hoje.

TITUREL
 Descobre o Graal.
(Amfortas se recompõe com dificuldade. Os escudeiros abrem o sacrário de ouro e retiram dele um antigo cálice de cristal do qual destampam a tampa dourada e o colocam frente a Amfortas)

VOZES *(Do alto)*
 Tomai meu corpo, tomai meu sangue, que meu amor vos dá!
(Enquanto Amfortas se inclina reverentemente em frente do cálice em muda oração uma obscuridade cada vez mais intensa invade a sala)

MENINOS *(Do alto)*
 Tomai meu corpo, tomai meu sangue, para que penseis em mim.
(Um ofuscante raio de luz desce sobre a taça de cristal, que agora brilha de um resplendoroso carmesim, derramando ao seu redor uma suave luz. Amfortas, com o rosto transfigurado, eleva o Graal e o move em todas as direções, benzendo o pão e o vinho. Todos estão ajoelhados.)

TITUREL
 Ó inefável êxtase divino!
 Com quanto esplendor nos saúda hoje nosso Senhor!
(Amfortas deposita o Graal, cujo resplendor vai aos poucos desaparecendo à medida que se dissipa a obscuridade da sala. Os escudeiros voltam a guardar o cálice no sacrário e o cobrem. Enquanto a claridade do dia se restabelece totalmente, os quatro escudeiros distribuem os jarros de vinho e os cestos de pão)

JOVENS *(Do alto)*
 No vinho e no pão da última ceia, converteu um dia o Senhor do Graal o sangue que derramou e o corpo que sacrificou, graças ao seu amor e misericórdia.
(Os quatro escudeiros, depois de fecharem o sacrário, tomam do altar os jarros e as cestas que Amfortas bendizeu previamente passando o Graal sobre eles, distribuindo o pão entre os cavaleiros e fecham as portas do sacrário. Os cavaleiros se sentam à mesa. Os imita Gurnemanz para quem reservaram um lugar. Este faz um sinal para Parsifal, convidando-o a partitipar do alimento, porém o jovem permanece de pé, calado e imóvel, como se transportado)

JOVENS *(A média altura)*
 Sangue e corpo da divina oferenda renova hoje, para reconfortar-nos, o inefável Espírito de consolo celestial,
 no vinho que se verteu para todos vós e no pão que hoje nos alimenta.

CAVALEIROS *(Primeiro grupo)*
 Tomai o pão,
 convertido sem temor,

em vigor e fortaleza para o corpo,
para que sejais fiel até à morte,
com constância, sem desfalecimentos,
e coopereis na obra do Salvador.

CAVALEIROS (*Segundo grupo*)

Tomai o vinho, convertido novamente no ardente sangue da vida.

TODOS OS CAVALEIROS

Felizes na unidade, felizes na fraternidade, lutamos com santa coragem benditos na fé e no amor!

JOVENS E MENINOS Bem-aventurados no amor, bem-aventurados na fé.

(Depois de abraçarem-se solenemente, os cavaleiros dos dois grupos se levantam e caminham em fila, um atrás do outro. Durante a ceia, da qual não tomou parte, Amfortas entrou em êxtase místico, do qual foi saindo, mais tarde, gradualmente. Inclina a cabeça e leva sua mão à ferida. Os escudeiros acercam-se dele; seus gestos indicam que a chaga sangra novamente. Assistem ao Rei, colocam-no em sua liteira e, enquanto todos se apressam em retirar-se, conduzem Amfortas e o sacrário na ordem em que entraram. Os cavaleiros formam um solene cortejo e se retiram com passo lento. A luz do dia começa a esvaecer-se. Os escudeiros voltam a atravessar rapidamente a sala. Os últimos cavaleiros se retiram e são cerradas as portas. Parsifal, ao ouvir o grito angustiado de Amfortas havia levado sua mão ao coração, pelo estremecimento, como se tivesse sentido uma inesperada arritmia cardíaca. Agora permanece novamente imóvel, como se hipnotizado. Gurnemanz acerca-se dele impacientemente e o sacode com os braços)

GURNEMANZ

Que fazes ainda aí?

Sabes o que hás visto?

(*Parsifal oprime com a mão, compulsivamente, o coração e faz um leve movimento de cabeça*)

Então só és um tonto.

(*Abre uma estreita porta lateral*)

Para fora! Segue teu caminho!

Porém, Gurnemanz te aconselha: no futuro deixa os cisnes em paz; um tolo com o tu deve procurar sua tola.

(*Com um empurrão, põe Parsifal para fora e cerra a porta. Em seguida, vai reunir-se com os cavaleiros. A cortina do palco é cerrada vagarosamente, aos acordes do último compasso*)

UMA VOZ DE CONTRALTO (*Da cúpula*)

“Sábio pela paixão o casto inocente”

VOZES

(*Desde o cimo da cúpula e a meia altura*)

Bem-aventurados na fé.

(*Sinos*)

Fim do Primeiro Ato

Segundo Ato

Prelúdio Orquestral

O castelo encantado de Klingsor - situado na encosta sul da mesma montanha, na Espanha mourisca - Interior de uma torre aberta em sua parte superior. Degraus de pedra conduzem à borda da ameia da muralha da torre. Obscuridade na parte do fundo, onde se acha uma saliência na muralha, a qual representa o chão do palco. Instrumentos de bruxaria e negromância. -Klingsor está sentado na borda do muro, frente a um espelho de metal.

KLINGSOR

É chegado o momento!

Já atraí o ingênuo ao meu castelo,

o qual, com alegria infantil, vem acercando-se desde longe. - Absorvida pelo sono mortal da maldição, ela se mantém lá, de cuja letargia eu a liberarei.- Avante, pois! À obra!

(Desce até o centro e faz arder perfumes cujo fumo azulado toma rapidamente o fundo do Cenário. Volta a sentar-se em frente ao espelho mágico e grita até o abismo, gesticulando misteriosamente)

Para cima! Levanta-te! Vem a mim!

Teu amo te chama, inominada, bruxa primeva! Rosa do inferno!

Foste Herodíades, e quem mais?

Gundryggia lá, Kundry aqui!

Vem aqui! Vem aqui, agora, kundry!

Teu amo de chama: levanta-te!

(A forma de Kundry aparece na luz azulada. Transparece estar em sono letárgico. -Gradualmente, move-se como quem vai despertando. Finalmente, solta um horrível grito)

Tu despertas! Ah!

De novo caes no meu poder, hoje, no tempo certo.

(Kundry lança um forte grito que vai-se apagando em débeis e angustiosos gemidos)

Dize-me, por onde estiveste vagando novamente?

Pfiu! Lá entre aqueles cavaleiros,

a quem permites que te tratem como a uma besta!

Não estás melhor comigo?

Quando capturaste para mim a seu líder- sim, sim - o puro guardião do Graal.- o que te inspirou ainda de escapares?

KUNDRY

(Com voz rouca e entrecortada, como se tratasse de recuperar a fala) Ah! Ah!

Noite profunda!...

Delírio!... Oh! -Raiva!...

Ah!... Dor!...

Sono...sono...

sono profundo!...Morte!

KLINGSOR

Outro te despertou? Ei?

KUNDRY

Sim... minha maldição!

Oh!...Desejo... desejo!

KLINGSOR

Sim, sim, para expiar o mal que perversamente lhes causaste?

Eles não te ajudarão:

são todos venais,

ofereço o justo preço:

o mais forte cai,

sucumbe em teus braços

e assim decaiu dele a lança,

que eu mesmo de seu mestre conquistei.

Agora, hoje, devemos encontrar o mais perigoso:

nele se abriga o escudo da inocência.

KUNDRY

Eu... não quero! Oh., oh!

KLINGSOR

Tu queres, porque tu deves.

KUNDRY

Tu...não podes forçar-me.

KLINGSOR

Porém posso dominar-te.

KUNDRY

Tu?

KLINGSOR Teu mestre.

KUNDRY Com que força?

KLINGSOR

Ah! Porque somente contra mim tua força ..nada vale.

KUNDRY

(Rindo estridentemente)

Rá! Rá! És tu casto?

KLINGSOR

(Enfurecido)

O que tu perguntas, mulher maldita?

(Abismando-se em sombria meditação)

Angústia horrenda!

Agora até o diabo se ri de mim, por que um dia quis ser virtuoso?

Angústia horrenda!
Tortura do desejo desenfreado,
espantoso impulso infernal
que eu havia abafado para sempre,
agora ri e caçoa de mim,
por teu intermédio, noiva do diabo?
Tem cuidado!

Já fiz um homem pagar por rir-se de mim e desprezar-me: aquele altaneiro, fortalecido por sua santidade, que um dia me expulsou de seu lado.

Sua raça cairá ante mim, sem remédio.

o guardião desses santos agoniza; e logo - creio eu - custodiarei eu mesmo o Graal -
Rá! Rá!

Gostou tanto de ti Amfortas, o herói,
que te o entreguei como companheira do prazer?

KUNDRY Oh!... Dor!... Dor!

Débil ele foi - todos são fracos.: a maldição que me acompanha os faz cair a todos.

O eterno sono, única salvação, como... como ganhar-te?

KLINGSOR

Rá! Quem desdenha de ti pode te libertar: tenta fazê-lo com o rapaz que se aproxima.

KUNDRY

Eu... não quero!

KLINGSOR

(Montando apressadamente o muro da torre)

Já agora subindo ao castelo.

KUNDRY

Oh! Desdita! Desdita!

Foi para isto que despertei?

-Devo?

KLINGSOR *(Olhando para baixo)*

Rá! Eis aí o belo rapaz!

KUNDRY

Oh! Oh! Desgraçada de mim!

(Klingsor, inclinando-se para fora, sopra a trompa)

KLINGSOR

Ei! Vós, guardas! Ei! Cavaleiros!

Heróis!-Para cima! Aproxima-se o inimigo!

Rá! Como toma de assalto o muro, a guarnição seduzida para defender suas belas diabinhas- Assim! Valentes! Corajosos!

Rá! Rá! Ele não os teme:

arrancou do bravo Ferris a arma
e com ela acomete, valentemente, contra todos.

(Kundry é presa de um ataque de riso histérico, que se converte em um grito de desespero)

Como o mau êxito tem o ardor desses torpes!

Feriu um no braço e a outro na perna.

(Kundry lança um grito e desaparece)

Ah! Ah! Cedem! Fogem!

(A luz azulada se extingue. No fundo reina uma obscuridade total, que contrasta com o céu azul sobre a muralha)

Cada um retoma para casa com sua ferida!

Como não vos invejo! -

Oxalá dessa maneira toda essa casta de cavaleiros se destruam entre si!

Ah! Com que arrogância se plantou sobre a ameia!

Rá! Como lhe sorriem as maçãs do rosto, com admiração infantil e olha para o jardim solitário!

(Mira em direção ao abismo do fundo)

Ei, Kundry!

Como? Já puseste mãos à obra?

Rá! Rá! Conheço bem o encanto que sempre te obriga a me servir!

Tu, lá, rebento pueril,

apesar do que também diz de ti a profecia,

és demasiado jovem e tonto,

cairás em meu poder:

uma vez privado da castidade,

ficarás meu escravo!

(Desaparece rapidamente junto com toda a torre; ao mesmo tempo, surge o jardim encantado que ocupa toda a cena. Vegetação tropical, flores formosas por toda a parte; no fundo, limitado pelas ameias do castelo, que é de um suntuoso estilo árabe, com terraços. Sobre o muro, Parsifal contempla surpreendido o jardim. Por todo lugar, primeiro desde o jardim, depois desde o palácio, formosas jovens acorrem pressurosas e desordenadamente, em grupos ou individualmente; estão vestidas com tênues véus, postos ao descuido, como se tivessem despertado momentos antes)

AS BELAS DONZELAS ou DONZELAS FLORES *(Uma à outra)*

Aqui, onde se ouviu o bramir da luta! Aqui! Aqui!

Armas! Gritos selvagens de dor!

Quem é o criminoso?

Onde está o infame?

Vingança!

PRIMEIRA FLOR- 1º Grupo

Meu amado, ferido!

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo

Onde estará o meu amado?

SEGUNDA FLOR - 1º Grupo A
ao despertar, encontrei-me sozinha!

TODAS AS DONZELAS FLORES
Onde se meteram?

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Onde está meu amante?

TERCEIRA FOR - 1º Grupo
Onde encontrarei o meu?

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo
Ao despertar encontrei-me só!

TODAS AS DONZELAS FLORES (*Uma à outra*)
Onde estão nossos fiéis amantes?
Dentro do palácio
Onde estão nossos amantes?
Nós os vimos no palácio.
Nós os vimos com feridas sangrando.
Desdita! Dor! Vamos em sua ajuda!
Quem é o nosso inimigo?
(*Vêem Parsifal e o apontam*)
Lá está ele! Vêde-o!
Lá está ele! Onde? Lá!
Ah! Eu o vi!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Tem em sua mão a espada de meu Ferris!

SEGUNDA FLOR - 1º Grupo
Reconheço o sangue do meu amado!

CORO DAS DONZELAS FLORES
Eu o vi atacar o castelo.

TERCEIRA FLOR - 2º Grupo
Eu ouvi a corneta do amo.

TERCEIRA FLOR - 1º GRUPO e

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo
Sim, nós também ouvimos o toque de sua cometa.

DONZELAS FLORES
Foi ele!

TERCEIRA FLOR - 2º Grupo
Meu herói correu neste sentido!

SEGUNDA E TERCEIRA FLOR - 1º Grupo
Todos correram neste sentido!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Meu herói correu para este lado!

DONZELAS FLORES (*contraltos*)
Todos vieram ao chamado; porém cada um tropeçou na sua resistência! Desdita! Desdita para aquele que os feriu!

SEGUNDA FLOR - 1º Grupo e DONZELAS DO CORO
Ele feriu ao meu amado!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo e DONZELAS DO CORO
Ele fez o meu amigo tombar!

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo e DONZELAS DO CORO
Inimigo do meu amado!

TODAS AS DONZELAS FLORES
Ó dor! Tu lá! Ah, dores!
Por que nos causaste tanta dor?
Amaldiçoado, maldito sej as!
(*Parsifal desce para o jardim*)
Rá! Ousado! Ousas?
Por que feriste nossos amantes?

PARSIFAL
Vós, belas criaturas, como não haveria de os enfrentar?
Impediam-me de chegar até vós, formosas donzelas.

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Desejavas vir até nós?

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Já nos havia visto antes?

PARSIFAL
Jamais vi criaturas tão belas:
não concordais que tenho razão em chamá-las formosas?

SEGUNDA FLOR - 1º Grupo
Então não queres nos bater?

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo
Então não queres nos molestar?

PARSIFAL
Isto eu jamais queria.

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Todavia já nos fizeste muito mal!

PRIMEIRA FLOR - 1º e 2º Grupos
Feriste nossos companheiros de diversão!

TODAS AS DONZELAS FLORES

Quem agora jogará conosco?

PARSIFAL

Eu o farei com muito prazer!

(A surpresa de que são tomadas as fazem rir jubilosamente, com alegria. - Enquanto Parsifal se aproxima cada vez mais dos excitados grupos, as jovens do primeiro grupo e do primeiro coro se retiram sem serem vistas para retocarem seus ornamentos florais)

DONZELAS FLORES

Es gentil? Então não permaneças distante de nós.

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo

E se não nos ralar...

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo

...te recompensaremos.

SOLISTAS - 2º Grupo *(uma à outra)*

Não jogamos por ouro.

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo

Jogamos por amor.

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo

Queres trazer-nos consolação,...

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo .

..Então deves nos conquistar!

(As jovens do primeiro grupo e do primeiro coro regressam adornadas e mais assemelhadas a flores e acodem pressurosas para o lado de Parsifal)

SEGUNDA FOR - 1º Grupo

Deixai o rapaz!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo

Ele me pertence!

TERCEIRA FLOR e logo SEGUNDA FLOR - 2º Grupo

Não!

FLORES E CORO - 2º Grupo

Não! A mim!

Ah! que falsas!

Secretamente se adornaram!

(Enquanto as recém-chegadas rodeiam Parsifal, as donzelas do segundo grupo e do segundo coro se retiram apressadamente para adomar-se de forma semelhante)

FLORES E CORO - 1º Grupo

Vem, vem, formoso jovem!

Vem, vem! Deixa-me florescer para ti!

Formoso rapaz, para teu prazer e deleite vale meu amoroso afeto.

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo

Vem, formoso jovem!

SEGUNDA E TERCEIRA FLOR - 1º Grupo

Formoso rapaz!

(O segundo grupo e o segundo coro, adornados semelhantemente aos primeiros, regressam e tomam parte no jogo)

TODAS AS DONZELAS FLORES

Vem! Vem, formoso jovem!

Deixa-me florescer para ti!

Para teu prazer e deleite, vale meu amoroso afeto!

PARSIFAL

(Seren e risonho, no meio das donzelas)

Que perfume encantador!

Então, sois vós flores?

PRIMEIRO GRUPO DE FLORES

O tesouro do jardim...

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo

... e espíritos perfumados!

PRIMEIRAS FLORES - 1º e 2º Grupo

Nosso amo nos recolheu na primavera!

SEGUNDAS FLORES - 1º e 2º Grupos

Crescemos aqui....

PRIMEIRAS FLORES - 1º e 2º Grupo

...sob o sol do verão...

PRIMEIRA e SEGUNDA FLOR - 1º e 2º Grupo

...para florescer para teu deleite!

TERCEIRA FLOR - 1º e 2º Grupos e CORO

Agora, sê amistoso e amável!

SEGUNDA FLOR - 1º e 2º Grupo e CORO

De nenhum modo sê avaro no amor!

TODAS AS FLORES

Se não podes tratar-nos com carinho e amor, murcharemos e morreremos.

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo

Abraça-me contra o teu peito!

CORO DE DONZELAS FLORES

Vem, formoso herói!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Deixa-me refrescar tua fronte!

CORO DE DONZELAS FLORES
Deixa-me florescer para ti!

SEGUNDA FOR - 1º Grupo
Deixa-me acariciar-te na face!

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo
Deixa-me beijar tua boca!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Não! Eu! Sou a mais bela!

SEGUNDA FLOR-1º Grupo
Não! A mais bela sou eu!

CORO DAS DONZELAS FLORES
Eu sou a mais formosa!

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Não! Meu perfume é mais suave!

AS DEMAIS
Não, eu! Eu! Sim, eu!

PARSIFAL
(Recobrando docemente seu encantador entusiasmo, mas fechando o cenho) Vós, selvagens e amáveis ramos de flores, se quereis que jogue convosco, abram o cerco!

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Por que brigas conosco?

PARSIFAL
Por que essa contenda?

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo, logo SEGUNDA FLOR - 2º Grupo
Nós brigamos somente por ti!

PARSIFAL Ah, basta!

SEGUNDA FLOR - 1º Grupo
Tu aí, deixa-o: não vês que ele me quer?

TERCEIRA FLOR - 1º Grupo
Ele me ama!

TERCEIRA FLOR - 2º Grupo
Não, a mim!

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo
Não, ele quer amar-me!

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Tu o afugentas de mim?

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Foges de mim?

SEGUNDA E TERCEIRA FLOR - 1º Grupo
Tu me evitas?

CORO DAS DONZELAS FLORES
Como, és covarde com as mulheres?

TODAS AS FLORES- Grupo II
Não te atreves a nos conquistar?

CORO DE DONZELAS Não te atreves?

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
És medroso e frio! És malvado?

CORO DE DONZELAS FLORES
Que ruim! -Tão frio!

PRIMEIRA FLOR - 2º Grupo
Como és ruim, frio e malvado!

PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo
Pretendes que as flores cortejem as borboletas?

CORO DAS DONZELAS FLORES
Tão tímido e frio!

SEGUNDA E TERCEIRA FLOR - 1º Grupo
Como ele é tímido!

SEGUNDA E TERCEIRA FLOR - 2º Grupo
Como ele é frio!

CORO DAS DONZELAS FLOR
Vamos! Abandonemos esse tolo!

DONZELAS FLORES - 1º Grupo
Nós o damos por perdido!

CORO DAS DONZELAS FLORES
Então que seja nosso!

DONZELAS FLORES - 2º Grupo
Não, ele pertence a mim!

CORO DE DONZELAS FLORES
Não, é nosso! Sim, nosso!
Também meu! Sim, meu!

PARSIFAL

(Afastando-as, meio aborrecido)

Deixem-me! Não me atormenteis!

(Parsifal se dispõe a partir, porém ao ouvir a voz de Kundry, permanece imóvel)

KUNDRY Espera! Parsifal!

(Ao ouvir a voz de Kundry, as donzelas, assustadas, se afastam imediatamente de perto de Parsifal)

PARSIFAL

Parsifal? Assim me chamou uma vez, em sonhos, minha mãe.

KUNDRY

Fica aí, Parsifal !-

Saúdam-te ao mesmo tempo a felicidade e o prazer.

Afastai-vos dele, cortesãs pueris, flores que se debilitam rapidamente!

Ele não foi destinado para jogar convosco.

Regressai ao castelo, cuidai das feridas de vossos heróis, que vos esperam solitários.

(As donzelas, atemorizadas mas de má vontade, vão-se retirando até o castelo)

PRIMEIRA FLOR, logo TERCEIRA FLOR - 2º Grupo

Devemos deixar-te!

SEGUNDA FLOR - 2º Grupo

Devemos fugir de ti?

TERCEIRA FLOR, logo PRIMEIRA FLOR - 1º Grupo

Oh, desdita!

SEGUNDA FLOR - 1º Grupo

Ó dores do sofrimento!

CORO DE DONZELAS FLORES

O dores!

DONZELAS FLORES - 1º Grupo

Abandonaríamos a todos, com prazer, seríamos infieis..

DONZELAS FLORES - 1º e 2º Grupo

...para estarmos a sós contigo!

CORO DE DONZELAS FLORES

Adeus, adeus!

Adeus, a ti charmoso, a ti imponente, a ti ..tolo!

(Dito isto, as donzelas desaparecem pressurosas entrando no castelo)

PARSIFAL

Terei eu apenas sonhado tudo quanto tem acontecido?

(Mirando timidamente no rumo do lugar de onde veio a voz. Ali, numa abertura entre os arbustos floridos, uma mulher jovem de grande beleza, Kundry, completamente transformada, vestindo uma túnica exótica, ao estilo árabe, acha-se reclinada sobre um fecho de flores)

Chamaste-me, o sem nome?

KUNDRY

A ti, todo inocente, eu chamei,

“Fal parsi”,

a ti, casto e simples: Parsifal.

Quando desapareceu na Arábia, assim chamou teu pai, Gamureto, ao filho que ficara escondido no ventre da mãe; com esse nome despediu-se o moribundo.

Esperei-te aqui para dizer-te isso:

que te trouxe aqui então, se não o desejo de sabê-lo?

PARSIFAL

Jamais vi nem sonhei o que agora vejo e coloca em aflição todo o meu ser.- Também tu floresces neste bosque?

KUNDRY

Não Parsifal, tu, casto e inocente!

Longe - longe está a minha pátria.

Só me detive aqui para que me encontrasses.

Venho de muito longe, onde tenho visto muita coisa.

Vi a criança no seio materno,

seus primeiros balbucios ainda guardo nos ouvidos;

com o coração cheio de dor,

como ria também Herzeleide,

pois, para sua amargura,

era uma alegria esse deleite de seus olhos!

Sobre um leito branco de palhas de musgo, ela adormecia, acariciando ao filho, cujo sono velava com ansiedade e temor, como solícita mãe.

Pela manhã o despertava o cáldo orvalho das lágrimas maternas.

Ela estava toda de luto,

filha da dor, pelo amor e morte de teu pai.

Preservar-te de igual desventura foi para ela o mais sagrado dever.

Longe das armas e das iras e lutas dos homens, procurou manter-te oculto e protegido.

Grandes angústias e inquietações suportou para que disso não te inteirasses.

Não recordas seu chamado dolorido, quando tu ias longe e tardavas a regressar?

Oh! Quão grande era a sua alegria e como sorria, quando, depois de procurar-te, te encontrava!

E quando seus braços te abraçavam fortemente, inquietavam-te seus beijos, por acaso?

Porém não consideraste sua pena e nem sua desesperação.

Quando, por fim, não voltaste mais e desapareceram teus passos.. esperou-te dia e noite até que calaram seus lamentos, consumida pela dor, implorou então a paz da morte!

Os sofrimentos destroçaram seu coração e -Herzeleide- morreu.

PARSIFAL

(Sempre sério, finalmente atingido por terrível perturbação, cai subjugado pela aflição aos pés de Kundry)

Ó dor! Ó dor! Que fiz eu? Onde estava eu?

Mãe! Doce, querida mãe!

Teu filho, teu filho te levou à morte!

Ó louco! Cruel, insensato louco!
Por onde vagaste que a olvidaste?
Teu esquecimento não foi demais?
Amada, a mais cara mãe!

KUNDRY

Como era ainda para ti estranha a dor, com o doce consolo,
nunca pude também reconfortar teu coração; a dor, que te faz arrependido, te traz a
necessidade de consolação que somente o amor pode brindar-te.

PARSIFAL

(Cada vez mais angustiado e deprimido em seu pesar)

A mãe, como pude esquecer minha mãe!

Ah! Que mais terei olvidado?

De que eu ainda não mais me recordo?

Só tenho vivido em estúpida loucura!

*(Kundry, ainda semi-reclinada, inclina-se sobre a cabeça de Parsifal, o acaricia na fronte e lhe passa
afetuosamente o braço sobre o percoço)*

KUNDRY A confissão

porá fim à tua culpa pelo remorso;

e a compreensão transformará em bom senso a tua loucura.

Aprende a conhecer o amor, que envolveu a Gamureto,

Quando a paixão de Herzeleide o incendiou com sua chama.

A mesma que o corpo e a vida outrora te deu;

para apartar de ti a loucura e a morte, envia-te hoje,

qual última saudação e bênção materna, o amor - no primeiro beijo.

*(Inclinando sua cabeça sobre a dele, dá-lhe um estrepitoso beijo na boca. Parsifal se refaz violenta-
mente, horrorizado; sua atitude expressa a transformação que acaba de se produzir nele; oprime suas
mãos sobre o coração, como se quisera sobrepor-se a um agudo sofrimento)*

PARSIFAL

Amfortas!

A ferida! -A ferida!

Agora arde em minha costa!

Ó dor! Dor, terrível dor!

Do mais profundo do meu coração grita sua angústia!

Oh! -Oh!-

Desditoso! O mais cheio de dor!

Vi sangrar a ferida:- agora sangra em mim!

Aqui- aqui!

Não! Não! Isto não é a ferida!

Seu sangue brotava em torrentes!

Aqui! Aqui, no meu coração, há um incêndio!

O desejo, o terrível desejo,

que se apodera de mim e coage todos os meus sentidos!

Oh! -Ó tormento do amor!

Como tudo em mim treme, estremece e se agita em desejos proibidos!...

(Enquanto Kundry olha assustada e surpreendida para Parsifal, este prossegue, com o olhar imóvel, como se em transe)

Meu olhar está fixo no cálice sagrado - o sangue divino arde: -

“Redime-me, salva-me de minhas mãos manchadas de culpa” Assim tocou o lamento divino, com terrível clareza em minha alma.

E eu, o tolo, o covarde,

vim até aqui em busca de pueris aventuras!

(Ele se põe de joelhos em prece, desesperado)

Redentor! Salvador! Senhor misericordioso!

Como posso expiar, eu, um pecador, a minha culpa?

(Kundry, cujo assombro lhe deu lugar a uma admiração apaixonada, intenta timidamente acercar-se de Parsifal)

KUNDRY

Herói amado! Dissipa essa ilusão!

Olha-me! Recebe carinhosamente à formosa que te aconchega! PARSIFAL

(Ainda de joelhos, olha fixamente para Kundry que se inclina sobre ele e o acaricia da maneira que ele a deixa prosseguir) Sim! Esta é a voz! Assim ela o chamou!

E este olhar, claro que o reconheço -

como também este inquietante sorriso, sorrindo para ele tão inquietamente; os lábios-
-sim- assim palpitarão para ele; assim também inclinou seu colo; assim elevou sua
cabeça com altivez;- assim risonhamente agitou seus cabelos; - assim seus braços esta-
vam enroscados em volta de seu pescoço; assim ternamente tocou sua face!

Incorporando, enfim, todos os males

para perder a alma, em seguida,

seus lábios o beijaram ardentemente na boca.

(Levanta-se devagar)

Ah! -Esse beijo - *(Afasta Kundry de si)*

Corruptora! Vai para longe de mim!

Para sempre - para sempre - longe de mim!

KUNDRY

(No cume de sua paixão)

Cruel!

Se sentes no coração

apenas os sofrimentos alheios,

então sente agora também os meus!

Se és um salvador,

que te impede, malvado, de também unir-se a mim para minha salvação?

Durante eternidades - esperei por ti - o salvador, ah! que tanto tardou a chegar e a quem uma vez ousei insultar!

Oh! Conheceste a maldição, que através do sono ou do despertar, da morte ou da vida, na tristeza ou na alegria, acrescenta e renova a minha dor,

para, finalmente, através do próprio existir, me atormentar?

Eu o vi, a ele, e...ri...!

Agora o procuro de mundo em mundo para encontrá-lo novamente.
Na maior necessidade,
sinto que seus olhos estão perto de mim
e seu olhar se volta para mim
e varre-me o amaldiçoado
olhar novamente, apoderando-se de mim:
e um pecador cai-me nos braços!
Então eu rio - rio -
não posso chorar,
somente gritar, enfurecer-me,
vociferar, ficar furiosa,
em uma noite interminável de pesadelos,
da qual, sem arrependimento, eu quase não desperto.
Aquele por quem ansiei em profundo desejo,
a quem reconheci mediante o desprezo e a rejeição,
deixa-me chorar sobre seu peito:
que me deixe unir a ele por uma hora apenas
e, mesmo que Deus e o mundo me rejeitem,
nele serei purificada e redimida.

PARSIFAL

Para sempre
te condenarias comigo,
se por uma hora
eu olvidasse a minha missão,
estreitando-me em teus abraços.
Eu fui enviado também para tua salvação desde que renunciés aos desejos impuros.
O bálsamo que haverá de terminar com teu sofrimento não pode brotar de onde este surge: nunca te será concedida a salvação se não secares essa fonte dentro de ti.
Uma outra és - uma outra, ah!
E dizer que a vi atormentar-se suspirando lá junto dos irmãos, que com cruel sofrimento martirizam e torturam os seus corpos.
Porém, quem pode reconhecer com propriedade o único manancial da verdadeira salvação?
Oh, miséria, que maldizes toda salvação!
Oh, noite da loucura do mundo!
Que a fervente busca da salvação suprema se consuma no manancial da condenação!

KUNDRY

(Com selvagem entusiasmo)

Então foi o meu beijo
que te deu uma visão clara do mundo?
Meu abraço pleno de amor te fará alcançar a divindade.
Redime o mundo se esse é o teu destino: se te fizeres Deus por uma hora, nela, deixa-me então ser condenada eternamente e que minha ferida não sare jamais!

PARSIFAL

Salvação, sacrílega, posso pedir também para ti. KUNDRY
Deixa-me amar-te, ó ser divino, pois assim também me redimirás!

PARSIFAL

Conseguirás amor e salvação se me indicares o caminho que leva a Amfortas.

KUNDRY

(Em um arrebatamento de fúria)

Jamais - deverás encontrá-lo!

O caído, deixa-o morrer, esse ímpio

dominado pela luxúria, a quem ludibriei e de quem me ri!

Ah, rá! Foi ferido por sua própria lança!

PARSIFAL

Quem pôde ferir-se com a arma sagrada?

KUNDRY

Ele Aquele que uma vez castigou meu riso:

sua maldição - rá! me dá força;

contra ti invocarei essa arma,

se a esse pecador outorgares a graça da tua piedade!

Ah! Loucura!

(Rogando)

Piedade! Piedade de mim!

Se somente por uma hora meu, que só uma hora seja tua e pelo caminho que buscas
serás guiado!

(Trata de abraçá-lo. Ele a empurra violentamente)

PARSIFAL

Afasta-te de mim mulher maldita!

KUNDRY

(Empertigando-se com furor selvagem e chamando para o fundo) Socorro! Socorro! Para aqui!

Detende o insolente! Para aqui!

Cortai-lhe os passos!

Cortai-lhe os caminhos!

E se conseguires escapar daqui e encontrar todos

os caminhos do mundo,

do caminho a que busques

que não encontres jamais a trilha:

às trilhas e aos caminhos

que te apartarem de mim,

eu agora os amaldiçoo para ti:

Perdido! Perdido!

O que me está submisso, a ti eu o entrego para a tua escolta!

(Klingsor aparece na muralha e brande uma lança contra Parsifal) KLINGSOR

Detém-te aí! Tenho a justa arma para submeter-te!

O tolo será vencido pela lança de seu amo!

(Arroja a lança, que pára suspensa no ar, sobre a cabeça de Parsifal)

PARSIFAL

(Tomando a lança e mantendo-a sobre sua cabeça)

Com este sinal destruo teu encanto: assim como se fechará a ferida que tu causaste, em desolação e ruína transforme-se teu enganoso esplendor.

(Faz o sinal da cruz com a lança: o castelo desaparece como se desmoronando por um terremoto. O jardim se converte rapidamente em um deserto; flores murchando caem ao solo. Kundry lança um grito e desfalece. Parsifal, que de pronto se afasta, detém-se um instante, por último, do alto das muralhas em ruína se volta para Kundry)

PARSIFAL Sabes onde

poderás voltar a encontrar-me.

(Parte rapidamente. Kundry se refaz levemente e o segue com os olhos)

Fim do Segundo Ato

Terceiro Ato

Prelúdio Orquestral

Nos domínios do Graal. Paisagem primaveril agradável ao ar livre. No fundo, prados floridos com suaves encostas. Em segundo plano, o limite de um bosque que se estende até à direita, ascendendo a um terreno rochoso. Em primeiro plano, do lado do bosque, um manancial, frente ao qual se encontra uma humilde cabana de ermitão, construída com esmero, ligada à rocha. Começa o dia. Gumemanz, muito envelhecido, veste-se como ermitão, com a túnica dos cavaleiros do Graal. Sai da cabana e escuta

GURNEMANZ

O gemido veio dali.

Nenhum animal selvagem geme tão lastimosamente e muito menos numa santíssima manhã como a de hoje.

(A voz de Kundry emite uns gemidos surdos)

Parece-me que conheço esse gemido.

(Avança resolutamente até uma densa moita de espinhos; afasta com força os ramos e se detém subitamente)

Ah! Ela de novo aqui?

Os ásperos silvedos do inverno
a ocultaram aqui:

quem sabe durante quanto tempo?

Levanta-te, Kundry! - Levanta-te!

O inverno já passou, estamos na primavera.

(Arrasta Kundry, rígida e inerte, para fora do arbusto e a deposita sobre uma elevação próxima, coberta de grama)

Desperta ! Desperta à primavera!

Rígida e fria!

Com esse tempo eu a daria por morta: - mas foram seus gemidos que eu ouvi.

(Gurmemanz esforça-se por fazê-la voltar a si. Gradualmente, parece que retoma à vida. Quando, por fim, abre os olhos, dá um grito. Kundry veste uma túnica de penitente similar à do primeiro ato, porém a expressão selvagem e seus modos violentos e arrogantes desapareceram. Olha fixamente para Gurmemanz, logo se recompõe, arruma suas vestes e imediatamente se dispõe a realizar as tarefas de criada.)

Tu, tola mulher!

Não tens nada a dizer-me?

É assim teu agradecimento

por eu ter-te despertado

mais uma vez do sonho da morte?

KUNDRY

(Inclina lentamente sua cabeça e com voz rouca, estrecortada, fala) Servir... servir...

GURNEMANZ (*Sacudindo a cabeça*)

Não deves te afadigar demais!

Já não enviamos mais mensagens; cada qual recolhe ervas e raízes, cada um as procura para si mesmo.

Nós aprendemos com os animais silvestres.

(*Enquanto Kundry, olhando ao seu redor inquieta, ao ver a cabana, corre para seu interior, Gurnemanz a acompanha com a vista, surpreso*) Como outra pessoa ela anda e se comporta!

Terá sido efeito do dia santo?

Oh! Dia das graças, sem igual!

Dia certo para sua salvação.

Posso dizer que afugentei os braços do sono da morte.

(*Kundry sai de novo da cabana; traz um cântaro e se dirige à fonte. Espera que o cântaro fique cheio, olha para a floresta e distingue ao longe alguém que vem. Volta até Gurnemanz para indicar a surpresa. Gurnemanz prescruta para o bosque. Logo que Parsifal se aproxima, Kundry se afasta a passo lento com o seu cântaro cheio de água e entra na cabana, onde se põe a trabalhar.*)

Quem se aproxima aí da fonte sagrada, cansado, sedento e armado?

Não é nenhum dos irmãos.

(*Parsifal sai do bosque; está portando uma armadura negra, com a viseira do elmo fechada, e caminha com a lança abaixada, a cabeça curvada, distraído e hesitando; devagar senta-se na relva da colina, sita abaixo da fonte.*)

Gurnemanz, após longo tempo ficar admirando Parsifal, vai agora ao seu encontro)

Salve, meu hóspede!

Estás perdido? Posso indicar-te o caminho?

(*Parsifal faz um leve movimento de cabeça*)

Não respondes à minha saudação?

(*Parsifal abaixa a cabeça*)

Ei! o que?

Se teus votos te obrigam a guardar silêncio, os meus determinam dizer-te o que é apropriado.

Encontra-te aqui num luar sagrado, onde não se deve transitar com armas, elmo fechado, escudo e lança; e muito menos no dia de hoje!

Não sabes, acaso, que hoje é dia santo?

(*Parsifal abana a cabeça*)

Sim! Então de onde vens?

No meio de que pagãos tens vivido para não saber que hoje é o santíssimo dia da Sexta-Feira da Paixão?

(*Parsifal inclina mais ainda a cabeça*)

Desfaz-te rápido das armas!

Não ofendas ao Senhor que, neste dia, ofereceu seu sangue santo, sem defesa, para a salvação do mundo pecador!

(*Parsifal levanta-se após um reiterado silêncio; crava a lança no chão à sua frente, coloca o escudo e a espada no solo; levanta a viseira do elmo, tira-o da cabeça e o deposita junto das armas, depois do que, pondo-se de joelhos, começa a fazer uma prece em silêncio. Gurnemanz, com admiração e comoção, contempla Parsifal. Chama com sinais a Kundry, que tinha saído da cabana. Parsifal se levanta e põe seu olhar na lança, em adoração.*) O reconheces?

Não foi ele que uma vez abateu um cisne?

(Kundry confirma com um leve movimento de cabeça)

É, efetivamente, é ele, o tolo inocente, a quem mostrei a saída de junto de nós.

(Kundry, imóvel, olha em silêncio para Parsifal)

Ah! Quais caminhos percorreu até aqui?

A lança eu a reconheço!

(Com a mais viva emoção)

Oh! Dia santíssimo, hoje,

no qual me foi concedido despertar!

(Kundry desvia o rosto. Parsifal se recompõe lentamente, olha com serenidade ao seu redor, reconhece a Gurnemanz e com doçura lhe estende a mão para saudá-lo)

PARSIFAL

Eu me regozijo em encontrá-lo novamente!

GURNEMANZ

Então tu também ainda me reconheces?

Reconheces-me novamente, consumido que estou pelas dores e sofrimentos?

Como conseguiste aparecer aqui hoje? De onde?

PARSIFAL

Vim pelos caminhos do erro e do sofrimento;

Devo acreditar que me hei libertado deles, agora que ouço novamente o murmúrio deste bosque e volto a saudar-te de novo, bom ancião?

Ou - equivocado de novo estou?

Tudo me parece mudado!

GURNEMANZ

Dize-me, todavia, desde quando e para onde buscas o caminho?

PARSIFAL

Para aquele cujos dilacerantes lamentos escutei uma vez com néscio assombro e para cuja salvação creio o céu dignou-se eleger-me.

Mas - ah!

O caminho da salvação nunca encontrava.. vagueei sorteando trilhas erradas impulsionado e dominado por uma selvagem maldição: inumeráveis perigos, combates e lutas obrigaram-me a me desviar do rumo certo.

Quando julgava havê-lo reconhecido, então tomava-me e embargava-me o desespero de não conseguir pôr a salvo a relíquia, de bem guardá-la, pelo que recebi feridas de todo tipo de arma, já que ela mesma não devia brandir nas lutas.

Imaculada

a carreguei ao meu lado

para restituí-la agora à sua casa,

intacta e nobre, como está lá brilhando para ti:

a santa lança do Graal!

GURNEMANZ

(Na mais jubilosa exaltação)

Oh, misericórdia! Salvação suprema!

Oh, prodígio! Milagre santo e puro!

(Recobrando um pouco a serenidade, dirige-se a Parsifal)

Ó Senhor! Se foi uma maldição que te desviou do caminho certo, ela agora perdeu toda sua força!

Aqui tu estás nos domínios do Graal; por ti espera toda a congregação.

Ah, quanto ela se ressentida da graça, da graça que tu trazes!

Desde o dia em que estiveste aqui, a dor que conhecestes e a angústia cresceram em medida extrema.

Amfortas, cansado de seus sofrimentos, causa de seus remorsos sem limite, deseja obstinadamente somente a morte.

Nem as súplicas, nem a miséria de seus cavaleiros, lograram comovê-lo para que cumprisse com seu santo dever. Depositado num armário fechado, o Graal permanece desde longo tempo.

Que espera então o rei culpado?

Como ele não pode morrer quando o contempla, à morte ele se condenou, para que a tumba dê término ao seu tormento.

O alimento divino permanece para nós negado.

Os manjares vulgares nutrem o nosso corpo; mas tem-se esgotado o vigor e a juventude de nossos heróis.

Já não chegam mais mensagens, nem ressoam de longe mais apelos para santos combates.

Pálida e abatida erra,

sem ânimo nem líder, nossa augusta irmandade.

Neste rincão solitário do bosque me refugiei para esperar a tranqüilidade da morte, à qual já se rendeu meu velho senhor guerreiro.

Pois Titurel, meu santo herói, a quem já não confortou a visão do Graal, morreu, como todos os homens.

PARSIFAL

(Revoltando-se em intensa dor)

E eu, eu sou

quem labutou em vão contra essa desdita!

Ah, quais pecados, que injuriosas faltas deve esta tola cabeça eternamente suportar, já que nenhuma penitência, nenhuma expiação pôde livrar-me da cegueira!

Conquanto tenha sido escolhido para a salvação, vagueei perdido em irremediável erro, e o último caminho da redenção se desvanece!

(Parsifal está ao ponto de desmaiar. Gurnemanz o sustém e o faz sentar-se na grama, na borda do manancial sagrado. Kundry traz rapidamente um jarro com água para borrifá-la em Parsifal)

KUANEMANZ

(Afastando suavemente a Kundry)

Assim não!

O próprio manancial sagrado deverá refrescar e banhar nosso peregrino.

Presumo que ele tem hoje uma sublime obra ainda por fazer, ou seja, cumprir o dever de officiar uma sagrada missão: assim, que seja limpo de toda mancha, do pó de suas prolongadas andanças deve ele agora limpar-se.

(Gurnemanz e Kundry conduzem Parsifal para dentro da fonte. Kundry o trata das feridas, enquanto Gurnemanz retira-lhe o trage e a couraça)

PARSIFAL

Serei levado ainda hoje à presença de Amfortas?

GURNEMANZ *(Enquanto o atende)*

Certamente! O nobre castelo nos espera; as exéquias de meu amado senhor exigem que eu esteja presente.

Uma vez mais será descoberto o Graal, e o rito, por tanto tempo abandonado, será oficiado novamente hoje - para a santificação do nobre padre, que morreu pela culpa de seu filho, o qual deseja expiá-la agora.

Assim no-lo prometeu Amfortas.

(Kundry lava os pés de Parsifal com humilde dedicação. Parsifal a olha com admiração e silêncio)

PARSIFAL *(A Kundry)*

Tu me lavas os pés com água pura e santa, que agora o amigo me lave a cabeça.

(Gurnemanz retira água da fonte com a concha da mão e asperge a cabeça de Parsifal)

GURNEMANZ

Abençoado sejas, tu, casto e puro, pela água pura!

Que desapareça de ti toda culpa assim como tudo o que te aflige.

(Enquanto Gurnemanz asperge solenemente com água a fronte de Parsifal, Kundry retira de seu seio um vidro de ouro e verte parte de seu conteúdo nos pés de Parsifal e os seca com os seus próprios cabelos que pressurosamente tinha desatado)

PARSIFAL

(Tirando suavemente o vidro das mãos de Kundry, estende-o a Gurnemanz)

Tu ungiste meus pés com o bálsamo,

que agora o companheiro de Titurel me unja a cabeça

e que ainda hoje ele me saúde como rei!

(Gurnemanz verte o resto do bálsamo sobre a cabeça de Parsifal, unguindo-o docemente e coloca suas mãos sobre a cabeça dele, dando-o como ungido rei)

GURNEMANZ

Tal como nos foi profetizado

bendigo tua cabeça

para saudar-te como rei.

Tu - Puro!

Cheio de compaixão pelo sofrimento, sábio por tua ação redentora.

Já que sofreste o tormento de quem redime, afasta de tua cabeça a última carga malífica!

(Sem ser notado, Parsifal colhe água da fonte)

PARSIFAL

Meu primeiro ato será este:

(Inclina-se sobre Kundry, que tinha permanecido ajoelhada e molha com água sua cabeça)

Recebe o batismo e crê no Redentor.

(Kundry baixa a cabeça até tocar o chão. Parece estar chorando amargamente. Parsifal se volta e vislumbra o embelezado bosque e a pradaria, iluminados pela brilhante luz da manhã)

Quão formosa me parece hoje a pradaria.

Já hei visto outrora flores mágicas

que envolveram minha frente com seu mórbido perfume;

porém, jamais terei visto tão frescos e encantadores

brotos, botões e flores,

exalando o doce perfume da juventude,

falando-me tão doce e ternamente.

GURNEMANZ

Essa é a magia da Sexta-feira santa, Senhor!

PARSIFAL

Ó dor, no dia da suprema angústia!

Penso que tudo o que ali floresce, que respira, vive e renasce, só deveria entristecer-se e chorar.

GURNEMANZ

Já vês que não é assim.

As lágrimas de contrição dos pecadores que hoje, como rorejo bendito, rociam as pradarias e os campos, são as que os fizeram florescer.

Todas as criaturas se regozijam ante as pegadas protetoras do Salvador a quem dedicam suas orações.

Não podendo mirá-lo na cruz:

miram o homem redimido,

que se sente livre da angústia e do peso do pecado,

purificado graças ao divino sacrifício do amor.

As plantas e as flores da pradaria sabem que hoje não serão pisoteadas por pés humanos, porque Deus, com celestial paciência, se apiedou dos homens e padeceu com eles; os humanos, com piedosa bondade, as respeitarão caminhando com cuidado.

Assim o agradecem todas as criaturas, tudo quanto floresce e logo perece, porque a natureza purificada recobra hoje a sua inocência.

(Kundry volta a levantar devagar a cabeça e fixa os olhos em Parsifal, cheios de lágrimas, com uma expressão grave e suplicante)

PARSIFAL

Vi murcharem-se aquelas que uma vez mofaram de mim: desejarão quiçá hoje a sua redenção?

Também suas lágrimas são um rocio bendito.

Choras? Olha em volta: os prados sorriem.

(Beija-a docemente na fronte. Ouve-se ao longe o repicar dos sinos)

GURNEMANZ

É meio dia: chegou a hora.

Permita, Senhor, que teu servo te guia.

(Gurmemanz tinha trazido sua capa da Ordem do Graal, e ele e Kundry vestem-na em Parsifal. Este toma solenemente a lança e junto com Kundry segue a Gumemanz, que os precede lentamente. A cena vai mudando gradualmente como no primeiro ato, porém da direita para a esquerda. Os três permanecem visíveis um momento e logo desaparecem enquanto que o bosque vai dando lugar à cripta rochosa. Nos passadiços das criptas aumenta a intensidade dos sons dos sinos. As paredes rochosas se abrem e, como no primeiro ato, vê-se novamente a grande sala do Graal, porém sem as mesas para o ágape. Ilumina-a uma tênue luz. Por um lado entram os cavaleiros que trazem o ataúde de Titurel; pelo outro, os cavaleiros que acompanham a liteira sobre a qual está estendido Amfortas, que precede o sacrário.

PRIMEIRO CORTEJO DOS CAVALEIROS *(Com Amfortas)*

Guardado em seu sacrário trazemos o Graal para o ofício divino; a quem escondéis nesse sombrio ataúde, que trazeis com tanta tristeza?

SEGUNDO CORTEJO DE CAVALEIROS *(Que trazem o corpo de Titurel)*

Este féretro fúnebre encerra um herói e guarda a sagrada força daquele a quem Deus encomendou sua própria custódia: trazemos a Titurel.

PRIMEIRO CORTEJO DE CAVALEIROS

Quem abateu aquele a quem sua proteção divina Deus mesmo dispensou?

SEGUNDO CORTEJO DE CAVALEIROS

Caiu sob o peso vencedor dos anos, não podendo mais contemplar o Graal.

PRIMEIRO CORTEJO DE CAVALEIROS

Quem lhe negou a graça de contemplar o Graal?

SEGUNDO CORTEJO DE CAVALEIROS

Aquele a quem levais, seu guardião culpado.

PRIMEIRO CORTEJO DE CAVALEIROS

Nós o levamos hoje, porque hoje uma vez ainda, pela última vez exercerá o sagrado ofício, ah, pela última vez!

(Amfortas é depositado sobre o divã situado detrás do altar do Graal, frente ao qual é colocado o féretro. Os cavaleiros se voltam para Amfortas)

SEGUNDO CORTEJO DE CAVALEIROS

Ah, dor! Vergonha, dor! Tu, o guardião do Graal!

Ah, pela última vez te recordamos teu augusto dever!

Pela última vez!

AMFORTAS

(Recompondo-se levemente e com dificuldade)

Sim, dor! Ai de mim! Oprobrio sobre mim!

Deste modo me lamento com todos vós.

Mas, preferiria que me désseis a morte, dulcíssima expiação de meus pecados!

(Abre-se o ataúde. Ao ver o cadáver de Titurel todos lançam despedaçado grito de dor. Amfortas se refaz e se volta para o corpo)

Meu pai!

O mais venerando de todos os heróis!

Tu, o mais puro, ante quem os anjos outrora se inclinaram: tu que somente querias morrer, após contemplar o Graal.

Hei-te dado a morte!

Oh, tu que no divino esplendor contempas o próprio Salvador suplica-lhe que seu divino sangue ainda que seja hoje, por uma vez mais, sua bênção reconforte a meus irmãos e, tanto como lhes infundirá uma nova vida, a mim me conceda por fim a morte!

Morte! Morrer!

Única graça!

Que acabe com a horrível ferida, o veneno que me carcome e paraliza o coração!

Meu pai! Eu te invoco para que Lhe implores assim:

”Redentor, concede a paz a meu filho”!

CAVALEIROS *(Acercando-se de Amfortas)*

Descobre o Graal!

Celebra o divino ofício!

Teu pai te exorta:

deves fazê-lo! Deves fazê-lo!

(Amfortas, desesperado, se precipita entre os cavaleiros que retrocedem)

AMFORTAS

Não! Nunca mais, ah!

Já sinto que a morte me envolve com suas trevas e devo volver uma vez mais à vida?

Loucos!

Quem pode obrigar-me a viver?

Se só podeis dar-me a morte!

(rasga sua túnica)

Aqui estou! Eis aqui minha ferida aberta!

Esse sangue que dela emana me envenena!

Desembainhai vossas espadas! Submergi vossas armas!

Fundo, bem fundo, até o cabo!

Vamos! Vós, heróis!

Matai o pecador e a seu tormento,

que então assim brilhará novamente sobre vós o Graal!

(Todos com respeito hão retrocedido, mas aterrorizados. Parsifal, acompanhado por Gurnemanz e Kundry, entra até o meio dos cavaleiros sem ser notado. Adianta-se, estende a lança e toca a ponta dela na costa de Amfortas)

PARSIFAL

Só uma arma serve: a ferida se cerra,
somente com a lança que a abriu.

(O rosto de Amfortas se ilumina em santo êxtase; a emoção parece fazê-lo cambalear. Gurnemanz o segura firme)

Sê curado, absolvido e redimido.

Agora, assumo eu tuas funções.

Bendito seja teu sofrimento, que a suprema virtude da piedade e a força mais pura do saber infundiram no temeroso insensato!

(Parsifal avança até o centro, com a lança para o alto)

A sagrada lança a vós devolvo!

(Todos observam-no e à lança de baixo ao alto, com alegria, de cuja ponta Parsifal eleva à vista de todos com êxtase)

Oh, milagre do bem supremo!

Daquela que pôde fechar tua ferida vejo refluir o sangue sagrado; que ânsia por encontrar o manancial o qual brota do limiar do Graal.

Nunca mais deverá permanecer escondida!

Descobri o Graal, abri o sacrário!

(Parsifal sobe as escadas do altar, retira o Graal do sacrário, aberto pelos escudeiros, e se ajoelha frente ao mesmo em fervorosa oração, ao observá-lo. O cálice se ilumina pouco a pouco com um suave resplendor. Na parte inferior da sala aumenta a obscuridade enquanto se aclara cada vez mais a cúpula da capela)

ESCUDEIROS, JOVENS E CAVALEIROS *(Cujas vozes apenas se ouvem no meio e no ápice da cúpula)*

Supremo milagre da salvação!

Redenção do Redentor!

(Raio de luz: o Graal resplandece. Da cúpula desce uma pomba branca e sobrevoa a cabeça de Parsifal. Kundry cai morta lentamente a seus pés, com o olhar fixo nele. Amfortas e Gurnemanz se ajoelham rendendo homenagem a Parsifal, o qual, com um movimento majestoso mostra o Graal e bendiz com o sinal da cruz os cavaleiros). Fecha o pano.

FIM